SOBRE A CELEBRAÇÃO INFORMATIVA DE UMA MORTE ANUNCIADA: O FALECIMENTO DE HUGO CHÁVEZ NAS *NEWSMAGAZINES* BRASILEIRAS[1]

GT16: Estudos sobre Jornalismo

Christa Berger[2]

Frederico Tavares[3]

Paulo Bernardo Vaz[4]

Resumo

O presente texto reflete sobre a cobertura da morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez nas quatro principais revistas de informação semanal brasileiras (*CartaCapital*, *Época*, *IstoÉ* e *Veja*). Menos que problematizar a cobertura realizada sobre o acontecimento, pretende fazer uma reflexão sobre a natureza de tal mídia e suas marcas num contexto midiático mais amplo. Buscam-se traços de processos editoriais e jornalísticos específicos, do ponto de vista dos conteúdos e formas, compreendendo os sentidos "encerrados" seja numa só publicação, seja no conjunto delas. Sem realizar uma análise comparativa, pretende-se observar o *compósito* construído pelas *newsmaganizes* brasileiras sobre um grande acontecimento[5] e, ao mesmo tempo, dizer sobre como, pelo seu fazer, tais revistas encontram-se em constante acontecer.

---

[1] Texto apresentado ao GT 16 "Estudios de Periodismo" do XII Congresso da ALAIC. Lima, Perú, 2014.

[2] Doutora. Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil. christab@unisinos.br

[3] Doutor. Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil. fredtavares.ufop@gmail.com

[4] Doutor. Professor Visitante da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Professor Colaborador Associado na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. paulobvaz@gmail.com

[5] Sobre as complexas relações entre jornalismo e acontecimento ver: Benetti e Fonseca (2010); Antunes, Leal e Vaz (2011); Marocco, Berger e Henn (2012).

Um acontecimento em revista

Hugo Chávez morreu. De conformidade com anúncios e prenúncios da quase unanimidade da mídia brasileira, em 05 de março de 2013, o "líder bolivariano" da política latino-americana saiu de cena. Desde a divulgação da notícia, há alguns anos, da gravidade de sua doença, a maioria dos produtos informativos brasileiros vinha ensaiando em coro um *gran finale*[6]. Sem música, mas com textos verbo-visuais impactantes e condicionadores de sentidos sobre o acontecimento de sua morte.

Com as notícias da morte de Chávez já tendo sido largamente divulgadas, a expectativa era a de que o final de semana seguinte seria pródigo em matérias especiais nas revistas, com destaques naturais para as capas, dada sua reconhecida importância no campo midiático. A partir da terça-feira, dia do óbito, a mídia informativa brasileira velou o corpo de Chávez acompanhando os rituais fúnebres oficiais. No final de semana seguinte, dia 09 ou 10, as quatro *newsmagazines* brasileiras chegaram às bancas e às casas dos assinantes. A edição de *Época* datada 11 de março e as de *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*, de 13 de março. As revistas "encerraram", com destaque e de forma quase uníssona, uma leitura editorial, interpretativa e comparativamente díspare, do acontecimento. Dentro de sua periodicidade semanal, as revistas acabaram por realizar uma dupla missa de réquiem – de sétimo dia e de corpo-presente de Hugo Chávez – desta forma criando uma cerimônia sobre elas mesmas e sobre as formas de lidar com o acontecido.

Com base nesse cenário o presente texto, menos que problematizar a cobertura realizada sobre a morte de Hugo Chávez nas revistas semanais brasileiras,

[6] Fausto Neto (2013) constrói um percurso sobre a "circulação midiática" da enfermidade de Hugo Chávez.

pretende refletir, a partir da natureza de tal mídia, sobre seus "modos de ser" (TAVARES, 2011) e sua presença num contexto midiático mais amplo. Neste acontecimento ampliado, pretende-se perceber traços de processos editoriais e jornalísticos específicos, do ponto de vista dos conteúdos e formas, compreendendo sentidos encerrados numa só publicação ou no conjunto delas. Sem realizar uma análise comparativa, buscar-se-á observar o *compósito* construído pelas *newsmaganizes* brasileiras sobre um grande acontecimento[7] e, ao mesmo tempo, dizer sobre como, pelo seu fazer, tais revistas encontram-se em constante acontecer.

As revistas e a celebração fúnebre: um artefato em meio a vários outros

A personalização da morte no jornalismo cotidiano – desconsiderando sua onipresença em diversos acontecimentos e, consequentemente, uma relação direta com o anonimato – está, em geral, associada, ao chamados "obituários". Nos jornais, onde estes se encontram por excelência, as mortes personificadas são uma espécie de "sobrevida discursiva", na qual textualmente um perfil é construído em espaços e dimensões que irão variar de acordo com a publicação. Marocco (2013, p. 373), ao falar da dimensão da morte cotidiana nos veículos diários, nos lembra que

> o relato da experiência vivida no obituário, a partir de outras valorizações que não a de valor-notícia, se distancia igualmente do simples anúncio fúnebre; com ela, aparece o acontecer no fluxo da cotidianidade sob forma de um quase indizível jornalístico, do qual o obituarista vai se aproximar optando entre dois procedimentos: redação final de um texto,

[7] Sobre as complexas relações entre jornalismo e acontecimento ver: Benetti e Fonseca (2010); Antunes, Leal e Vaz (2011); Marocco, Berger e Henn (2012).

com base nos materiais enviados ao jornal por amigos e familiares ou a investigação jornalística.

Diante de tal dimensão discursiva, dia a autora, os obituários poderiam ser identificados em pelo menos dois formatos, consideradas nessa diferenciação distintas formas de narrar e reordenar a vida dos obituariados. Um, mais cronológico e superficial. E outro, mais denso e autoral, marcado pela apuração jornalística.

Há, entretanto, uma dimensão a ser considerada neste contexto, que faz com que o apanhado dos muitos obituários midiáticos ganhe distinções não apenas relativas a uma narrativa ou a critérios de noticiabilidade e técnicas de apuração, deslocando o obituário para textos de outras editoriais e outros propósitos. No caso de Chávez, sua morte, transformada em acontecimento de grande dimensão, mais que tornar-se referente para uma cobertura – a exemplo de outras mortes de celebridades e pessoas públicas –, tornou-se dispositivo de movimentos de distinção e marcação entre os meios e suas leituras sobre o mundo. Seja por uma postura ideológica, seja por aquilo que lhes cabe enquanto mídia.

As *newsmagazines* brasileiras, entre a primeira e segunda semanas de março de 2013, viram-se diante de um cenário de rituais de cobertura jornalística e de celebração fúnebre enredados por sentidos que vinham sendo construídos há meses (ou anos) e se posicionaram sobre o acontecimento e também dentro dele. Seja pelo corpo presente do ex-presidente, seja por seu "corpo significante" (FAUSTO NETO, 2013), as revistas encontravam-se em meio aos demais produtos jornalísticos e à profusão de mensagens sobre a morte de Chávez mas, também, na ponta impressa – interpretativa e editorial – de uma cadeia de sentidos múltiplos que "se processam na dinamização de um circuito informativo, e mediante um processo de circulação ativado por múltiplos atores e estratégias,

que, a seu turno, tratam de instaurar, além desta cadeia, a complexificação da própria estrutura da mediação" (FAUSTO NETO, 2013, p. 42).

A "pauta de Deus", tal como se refere Marocco (2013) jogando com critérios da produção noticiosa, coloca o obituário como local de noticiabilidade para "acontecimentos impróprios" e que não teriam "em si" valor-notícia. Inclusive na aproximação textual com o literário. Haveria nele uma espécie de compromisso com a memória e com o nostálgico; e não, estritamente, com o fato e seu entorno, relação reveladora do acontecimento.

Na cobertura da morte de Chávez e nos diversos obituários construídos, essa dimensão "divina" não esteve excluída. Porém, cercou-se de outras características, inserida e entrecruzada que esteve por pautas de ordem política e demais ordens temáticas, além de enredos editoriais e apuros de editoração específicos. No caso das quatro revistas publicadas, passados alguns dias da morte e durante os rituais fúnebres voltados ao velamento do ex-presidente venezuelano, esse jogo jornalístico entre o obituário (considerada a pauta em si), a "noticiação" da morte, a construção de edições voltadas a uma grande cobertura, assim como o entrecruzamento de pautas e editorias, formou um *compósito* simbólico, que, na cadeia de sentidos formada por outros meios de comunicação e seu circuito, leva-nos a pensá-las, elas mesmas, como um acontecimento dentro desse enredo, ou um artefato jornalístico de devoção, não apenas pelo colecionável que marca tais edições "históricas", mas pela inserção do obituariado numa leitura jornalística relacionada ao imaginário mitológico que cercava os enquadramentos em constituição naquele momento, principalmente os políticos.

Tal como um santinho religioso, que apresenta um santo ao seu devoto, as quatro revistas que apresentaram Chávez realizaram um frente-e-verso imagético-textual,

oferecendo a seus leitores a celebração e anunciação, noticiosa e “revistativa” (TAVARES, 2011) de sua morte e daquilo que habitava o seu contexto, tanto em sua densidade temporal quanto em seus campos problemáticos (QUÉRÉ, 2005). Como lembra Menezes (2011, p. 57) sobre os santinhos de devoção católicos, a partir de um olhar antropológico:

> Conjugam-se, então, nos santinhos referências não apenas a um modo de dizer, mas também a um modo de fazer, ou melhor, a um modo específico de fazer o dizer. Não basta rezar a oração, é preciso fazê-lo em situações determinadas, de formas precisas, o que aponta para uma composição de fala, gesto e contextos. O santinho contém uma mini liturgia e indica que a prece deve ser uma performance, uma combinação de regra, costume e sentimentos postos em ação.

Nas revistas, uma certa conjugação informativa coloca em cena um modo de dizer o acontecimento e um modo de fazer (de fazer o dizer), uma *performance*. Mais que noticiar o que houve, é preciso fazê-lo de uma certa maneira, editorial e noticiosa, reconhecendo o contexto mais amplo do acontecimento e o contexto mesmo em que as revistas se situam e operam.

O obituário semanal-biográfico-político de Hugo Chávez

Na semana posterior à morte de Hugo Chávez, a revista *Época* dedicou 26 páginas a uma edição especial da seção “Tempo”, voltada para os acontecimentos no Brasil e no mundo ao longo da semana. Foi a maior cobertura entre as quatro revistas semanais do país. Naquela edição, toda a seção “Tempo”, com versal grafada em vermelho, voltou-se para a morte do ex-presidente venezuelano. Nela,

uma reportagem principal “À sombra de um corpo embalsamado” (de cinco páginas, falando do “acontecimento” em si), estava seguida de outras três reportagens repletas de infográficos e imagens, repercutindo a morte do “líder bolivariano”: “A era perdida da Venezuela” (nove páginas), “O homem que queria ser mito” (oito páginas) e “Um outro mundo é possível” (quatro páginas).

Três, dentre as quatro *newsmagazines*, dão destaque ao rosto de Chávez protagonizando sua capa: *CartaCapital*, *Época* e *Veja*. No interior desta última, dois textos falam do acontecimento em orientação ideológica próxima à de *Época*, publicação das organizações Globo. Na página 13 lê-se o editorial “Lágrimas para o déposta”, uma reportagem de cinco páginas, na editoria “Internacional” aparece com o título “A maldição da múmia”, seguida de uma retranca de página e meia, intitulada “Bom só para o PT”, onde uma grande foto ocupa cerca de um terço do espaço noticioso: Chávez conversando com Lula da Silva, sorridente.

IstoÉ cedeu apenas um pequeno espaço à morte de Chávez em sua capa, com uma chamada secundária, na parte superior da página – “Hugo Chávez: para onde vai a Venezuela depois do caudilho”, preferindo destacar, na mesma semana, a morte do ex-líder da banda Charlie Brown Jr., o vocalista Chorão, protagonista da página frontal da revista. No entanto, em seu interior, Chávez estrela o Editorial, na página 20, “A construção do Chavismo” e outras oito páginas na editoria “Internacional”, com a reportagem “Por que a Venezuela chora por Chávez” (seis páginas) e um artigo de página página dupla, de autoria de Paulo Moreira Leite, chamado “Encontros com Chávez”. *IstoÉ*, como *Época* e *Veja*, alinha-se a uma visada crítica sobre o chavismo e segue o tom de denúncia e pessimismo.

Destoando dessa linha, *CartaCapital* traz Chávez em sua capa, porém com ilustração mais emblemática, menos realista, acompanhada de um dizer forte e

orientado a um viés positivo: “A morte de um líder”. Nela, o editorial de Mino Carta na página 18 (pág. 36 a 39), “Notável reformador”, ressalta as objeções possíveis ao governo chavista, mas também a liderança e o exemplo de Chávez. No interior da revista, na editoria “Nosso Mundo”, a reportagem de quatro páginas, “Uma transição delicada”, pondera sobre as dificuldades, principalmente econômicas, que o sucessor do ex-presidente teria em seu governo. Seguido a esse texto, um artigo de duas páginas “O amor e o ódio na Venezuela”, de André Barrocal, relata a experiência do autor durante a vivência de sete meses na Venezuela chavista.

As publicações, ao enredarem o acontecimento-morte pela ótica política, tendo Chávez como protagonista, compõem um *requiém* do biografado e, ao mesmo tempo, personificam “de forma moribunda” um país e um governo, realizando um “duplo obituário” nas editorias de “Política” e “Internacional”. Juntando-se ao rol de produtos informativos que pulularam com matérias sobre o acontecido, as revistas se constituíram, elas próprias, em um acontecimento discursivo, material, cujo todo editorial é artefato fúnebre, resultado, histórico, de uma cobertura jornalística.

Chávez nas capas e suas preces informativas

Em artigo sobre o diálogo entre capas de revistas, Vaz (2009) levanta a hipótese de que além de vitrines, as capas são interfaces discursivas apropriadas por seus leitores, ou por seus espectadores *tout court*: “O flagrante da exposição das capas em bancas permite a recomposição de conversações, diálogos e até monólogos propostos pelos veículos, empreendidos e apreendidos pelos leitores que se apropriam de sentidos.” (VAZ, 2009, p.1). Com isso, diversas são as leituras do acontecimento proporcionadas pela disposição de suas capas nas bancas.

Sobre a morte de Chávez, as quatro *newsmagazines* brasileiras, expostas em diferentes posições, totalizam 24 possibilidades de apreciação. Isto é,

“reconstroem” 24 textos compostos pelas principais manchetes, aos quais se somam as representações visuais. Dessas 24 possibilidades de leitura das quatro capas, tomemos apenas um exemplo. Nesta ordem de apresentação – *Veja* > *Época* > *CartaCapital* > *Istoé* – suas manchetes apresentam ao leitor, em seu conjunto, o seguinte texto:

Chávez: a herança sombria. Depois de Chávez. A morte de um líder. Uma história de paixão e luxúria.

Nota-se também que os nomes das revistas se apresentam nas capas, hierarquicamente, no primeiro nível de leitura a ser feita. Além de se posicionarem nas capas em locais próprios com a mesma tipografia – no caso de *Veja*, há mais de 45 anos – e como seus nomes têm um reconhecimento semântico bastante evidente (o verbo no imperativo “veja”, o substantivo “época”, o substantivo “carta” acoplado ao adjetivo “capital” e a locução interjetiva “isto é”), se emendamos os nomes das revistas às suas manchetes, oferecem-se-nos os seguintes textos :

Veja Chávez: a herança sombria. Época depois de Chávez. CartaCapital: a morte de um líder. Isto É uma história de paixão e luxúria.

Como cartazetes, as leituras que as capas proporcionam são notadamente verbo-visuais. Daí a grande importância da escolha de suas ilustrações, tipografia e diagramação, cujo design gráfico é atrativo maior para a vitrine. Três das imagens escolhidas para as capas dessas edições foram de Hugo Chávez e a quarta de Chorão, vocalista de banda brasileira. Observando atentamente cada uma das capas, e depois, em seu conjunto, nota-se que:

1. A manchete de *Veja* aparece sobreposta no lado direito da capa sobre fotografia colorida de Chávez, de tal forma ampliada que podem ser vistos detalhes de sua pele. O nome Chávez é vazado em vermelho, o resto da manchete, vazado em branco. É utilizado o recurso da iluminação lateral, com o efeito do *chiaro-oscuro*, cujo mestre maior foi o pintor barroco Michelangelo da Caravaggio, cujas cenas pictóricas dramáticas marcaram os últimos quatro séculos de história da arte. Toda a luz da fotografia banha apenas a parte direita do rosto de Chávez, deixando seu lado esquerdo em total escuridão. Completando a face oculta do presidente morto aparece estampada a manchete, um epitáfio: "1954 – 2013: Chávez: A herança sombria". O olhar de Chávez não se dirige ao leitor de *Veja*, contrariamente ao que é usado em fotografias de capas de revistas. Seu olhar sai para fora do campo, isto é, para fora da capa. *Veja* parece dizer ao leitor: "veja este homem que não olha nos seus olhos, e que deixa ao mundo uma herança sombria e uma "realidade" apocalíptica na Venezuela".

2. *Época* também prefere partir o rosto de Hugo Chávez, mostrando apenas o seu lado direito, jogando para fora da capa o esquerdo. Foto em preto e branco bastante ampliada, como se desse ao leitor uma lente de aumento para observar a pele do morto. Como a fotografia foi deslocada para a direita, todo o lado esquerdo da capa permanece na penumbra e abre espaço para a manchete e chamadas secundárias. A manchete anuncia em vermelho, em grande destaque: "Depois de Chávez". As quatro pequenas chamadas vêm vazadas em branco,

apontadas por pequenos triângulos vermelhos. O que *Época* anuncia para depois de Chávez são aspectos da realidade política econômica e social que a revista, como sua *Veja*, enxerga apocalíptica. Mas diferentemente de *Veja*, *Época* usa uma fotografia que olha diretamente nos olhos de quem o vê depositado no esquife, ou melhor, em sua capa.

3. "A morte de um líder" é o grande destaque verbal em branco que *CartaCapital* posiciona no ombro direito de Hugo Chávez que aparece em desenho feito a partir de uma fotografia. O azul celeste que desponta das costas do líder parece indicar um clima bem mais ameno do que o apontado pelas demais revistas brasileiras. O trabalho de arte gráfica em alto-contraste do retrato nas cores quentes (vermelho e amarelo) mostra o morto da maneira mais viva possível, uma referência, talvez, à linguagem icônica adotada por grafiteiros na técnica de "*stencil*"[8]. O alto contraste apaga todas as nuanças das fotografias em close estampadas por *Veja* e *Época*. *CartaCapital* fala ainda mais alto e popular, numa linguagem reconhecidamente retirada dos muros das cidades.

4. A sugestiva manchete de *IstoÉ* "Uma história de paixão e luxúria" é sobreposta à fotografia colorida de Chorão, vocalista de Charlie Brown Jr., que aparece de boné, vestido com uma camisa vermelha, entrando pela esquerda da capa e deixando livre o espaço à direita para outra fotografia pequena, do rosto de sua ex-mulher, cuja fala aparece em destaque, no centro da capa: : "Tentei de tudo para salvar o Chorão". A chamada secundária no alto da capa diz "Hugo Chávez: Para onde vai a Venezuela depois do caudilho", ao lado de uma pequena fotografia de chavistas que se abraçam e choram. A cor vermelha da camisa do cantor é uma das principais relações que o leitor de *IstoÉ* pode fazer com as demais capas das outras *newsmagazines*. Chávez tinha o costume de aparecer

[8] Mesma técnica muito utilizada nos últimos anos para associar a identidade visual do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Uma ironia gráfica por parte de *CartaCapital*.

vestido de camisa e boina vermelhas. Também vermelha é a cor da camiseta do "chavista" flagrado em prantos junto à chamada secundária sobre a morte de Chávez, no alto. Também a manchete "Uma história de paixão e luxúria" em "tom de voz" tão elevado pode ser apontado para um texto subentendido com o acontecimento monotemático das demais *newsmagazines* da semana. A chamada secundária no alto da capa "Para onde vai a Venezuela depois do caudilho" parece induzir o leitor a uma tal interpretação do texto apresentado em manchete.

Deve ser ressaltada a riqueza do processo de leituras propiciadas pela aleatoriedade da disposição das capas de revistas nas bancas. Trata-se de um *work in progress* constantemente praticado por leitores soberanos. A cada mudança da disposição das capas, muda-se o conceito, onde quatro revistas sincronizadas totalizam 24 diferentes textos em seu conjunto. Conceito, vale lembrar, jamais proposto pelos editores responsáveis de cada publicação, mas resultante do processo de recepção/produção dos leitores que recompõem – e propõem – novos conceitos em sua mente, local onde se completa o processo comunicativo.

Desta forma, as duas imagens em *close up*, uma fotografia em quadricromia e outra em preto e branco, um desenho em tricromia elaborado, estas três imagens são a expressão viva de um morto apresentado nas versões das três capas para um conjunto de textos, diretamente relacionados às representações visuais. É de menor importância a mudança do protagonista visual na capa da quarta revista, na qual começando com a chamada acima do nome *IstoÉ* obtém-se o seguinte texto: "Hugo Chávez: por onde vai a Venezuela depois do caudilho. ISTOÉ, uma história de paixão e luxúria" Curiosamente, na ordem de leitura, de cima para baixo, antes da manchete principal ainda vem estampada a chamada secundária, em amarelo: "Tentei de tudo para salvar o Chorão".

Interessante ressaltar como esta quarta capa "diz" do acontecimento "morte de Chávez" sem exibir sua fotografia. Mesmo destacando outro morto, o Chorão, quando lido junto à animosidade mostrada por *Época* e *Veja* em relação ao líder venezuelano, esta "não menção" de *IstoÉ* a Chávez passa a dizer dele. Leitores reconhecem e talvez relembrem fatos em que ele teve protagonismo, confirmando agora na cobertura de sua morte os ditos anteriores, em outros momentos (mais pela crítica que pelo elogio). Movimento distinto daquele realizado por *CartaCapital* que se mostrou ponderada, ressaltando qualidades do ex-presidente e de sua trajetória, colocando em dúvida (não no sentido de questionamento, mas de incerteza), os rumos advindos em função de sua morte.

Celebração da morte e anúncio (anunciação) do fim da revolução bolivariana

Nas revistas, é possível observar três grandes movimentos de noticiação, correspondentes a seus aspectos editoriais e ao resgate feito sobre o que antes se falou acerca de Chávez. Um primeiro movimento diz respeito a como Chávez foi designado; um segundo corresponde a que sentidos suas ações de governo receberam; por fim, um terceiro diz sobre quais os prognósticos para a Venezuela.

1. A carta ao leitor de *Veja*, "Lágrimas para o Déspota", já diz como a revista conota o ex-presidente. É esse o tom que permanece na amarração sobre "quem era/foi" Chávez. Há um sentido negativo no uso da palavra "múmia" referindo-se ao corpo embalsamado, e também na adjetivação presente na entrevista com o ensaísta e historiador mexicano Enrique Krauze, que interior da reportagem principal de *Veja* afirma: Chávez foi o "último caudilho". *Época* nomeia Chávez como "aquele que quis se transformar em mito", como "líder carismático, mas um péssimo governante" e um "heroi popular", mas "herdeiro do populismo dos caudilhos latino-americanos". *IstoÉ* apresenta essa mesma imagem "caudilhista" e como ela se construiu associada a outros modelos políticos (aperonismo e ao getulismo) e

mesmo religiosos (messianismo). Para a *IstoÉ*, com seu discurso contra os Estados Unidos, Chávez atraiu as "viúvas" da velha esquerda latino-americana e ressuscitou antigos fantasmas. Palavras como "burguesia", "revolução" e "imperialismo", no ostracismo, voltaram com força na boca do caudilho. *Época* e *IstoÉ* relatam sobre o programa dominical que Chávez possuía na televisão, transmitido em cadeia nacional. Deixam transparecer a lição aprendida com o "mestre" Fidel Castro, "campeão" no uso de discursos longos e ocupação simbólica de espaços; bem como, pela exibição maciça da imagem, o aprendizado em relação a esse recurso também muito utilizado por Mao Tsé-Tung, Stalin, entre outros, que "adoravam" (estratégica e narcisicamente) espalhar fotografias de seus rostos. A designação de Chávez enredada pelas três revistas aponta para uma leitura editorial e ideológica, mas ao mesmo tempo traz consigo uma interpretação à luz da "midiaticidade" de Chávez. Não se pode negar que o ex-governante era bem humorado, tinha habilidade natural para fazer tiradas rápidas, bem quisto por muitos, o que leva a suas outras designações usuais, de carismático e líder, nomeações marcantes na leitura da revista *CartaCapital*. O editorial de Mino Carta faz menção direta à *Veja*, usando palavra encontrada no título da sua "Carta ao Leitor" para questionar a leitura da grande imprensa e, consequentemente, os movimentos jornalísticos que antecedem esse episódio, que "demonizavam" Chávez. Diz Carta: "Nem tudo na atuação de Chávez merece admiração, mas seus méritos estão expostos à luz do sol. Leio as diatribes ficcionais da nossa mídia, dizem que se tratou de um deposta comunista. A definição é tão imprópria quanto foi batizar de "terrorista" quem lutou contra a ditadura civil-militar", neste último caso, numa referência direta ao tratamento de *Veja* em relação à atual presidenta brasileira, Dilma Rousseff.

2. *Época*, *IstoÉ* e *Veja*, ao relatarem sobre as ações de Chávez durante seu governo, constroem uma retrospectiva de falhas e decisões pouco acertadas, qualificando o período chavista na Venezuela como uma espécie de "passado a ser esquecido".

Em certa medida, ao aventurarem-se pela interpretação política a fim de construir um obituário do ex-presidente, rememoraram feitos do falecido presidente em tom assertivo e moralista. Nos textos de *IstoÉ*, lê-se que Chávez promoveu uma "onda de estatização", dada sua "sanha revolucionária". Em outras palavras, Chávez teria sido um desastre para as finanças do país, deslocando o dinheiro do petróleo, que parecia fácil e seguro, para a disseminação do chavismo mundo afora, sendo também desperdiçado, sobretudo, pela corrupção. Além disso, *Época* e *Veja* apontam para um Chávez refratário ao debate aberto, que cassou a licença de emissoras de tevê e perseguiu jornais. Entre os periódicos, *Veja* é, sem dúvida, o mais direto e julgador. Para a revista, Chávez passou como um tanque sobre as instituições, pressionou e aparelhou os tribunais superiores, intimidou e inviabilizou o funcionamento das redes de televisão independentes, encarcerou adversários políticos e criou milícias partidárias armadas que se confundem com os bandos de criminosos comuns. Na retranca que encerra a cobertura sobre o episódio, o título da matéria, "Bom só para o PT", alinha-se à campanha declarada da revista de combate ao Partido dos Trabalhadores e ao atual governo federal brasileiro. Segundo o texto, já no seu subtítulo, "a intimidade entre o partido do governo e Hugo Chávez ajudou a financiar o PT e satisfazer sua ala mais radical. Já o Brasil só perdeu com ela". E mais, para a publicação, Chávez fez em seu país o que o PT originalmente queria fazer no Brasil mas não pôde, porque aqui há instituições fortes e uma "imprensa vigilante" – onde a revista, pretensamente, se incluiria. *Época* realiza a cobertura mais extensa, em sete itens que arrolam os piores resultados: ambiente de negócios (fuga de investidores), inflação (aumentou), violência (aumentou), saúde (piora nos indicadores), democracia (corrosão do Estado de direito), pobreza (apenas mitigada por programas assistencialistas, estaria ligada à escassez de investimentos e à dependência do país em um único setor, o petrolífero) e analfabetismo (embora erradicado, os críticos de Chávez apontam para o componente de doutrinação política que foi incluída nas aulas). A reportagem principal de *Veja*, na escalada dos intertítulos,

também elenca tais fraquezas. É curioso observá-los no encadeamento do texto, na seguinte ordem, incluindo os infográficos: “As mentiras da doença”, “A volta dos militares”, “Destruição das Instituições”, “A mentira como política”, “A equação do atraso”, “Culto à personalidade”, “Dilapidação do Patrimônio”, “Demonização da classe média”, “Intervencionismo”, “A bajulação dos tiranos” e “A utopia do bem coletivo”. *IstoÉ* expõe uma comparação entre “Onde Chávez errou” e “onde Chávez acertou”, aproximando-se, nesse sentido, à cobertura de *CartaCapital*. Em sua matéria principal é possível ler: “Até os críticos mais severos reconhecem a eficiência de sua política de combate às desigualdades sociais”. *CartaCapital* preferiu lançar mais perguntas do que afirmações sobre o futuro do país, sem deixar de exaltar, com relação ao passado e às ações de Chávez, uma avaliação positiva. Além do Editorial de Mino Carta, que lembra que o ex-presidente venezuelano foi tão criticado por bater de frente com uma “minoria privilegiada”[9], Chávez é lembrado como alguém que “foi popular tanto por distribuir riqueza quanto por levar a sério a construção de uma ‘Pátria Grande’ latino-americana”. (pág. 39).

3. É deste ponto, de valorização do passado e incerteza sobre o futuro, que as publicações se encontram, numa encruzilhada. *CartaCapital* lança perguntas e deixa no ar dúvidas sobre qual será o destino político e econômico da Venezuela sem a figura de Chávez. O subtítulo de sua matéria principal é enfático em dizer: “Hugo Chávez lega ao sucessor muito entusiasmo popular. E também uma situação econômica difícil de administrar sem seu carisma”. Chega a questionar

[9] Ignacio Ramonet, em seu livro “Hugo Chávez: Mi primera vida – Conversaciones com Ignacio Ramonet’, publicado em 2013, lembra que “Chávez era uma síntese de indígena, europeu e africano. Tricontinental. As três raízes da venezolanidad. Neste sentido foi sempre uma exceção entre as elites, dominantemente brancas, da Venezuela. O povo compartia com ele seu rechaço de uma classe politica distante, rica e quase sempre corrupta. A organização chavista – Movimento Bolivariano Revolucionário (MBR) – foi adquirindo uma força irresistível”. (p. 32). A obra é resultado, como informa o subtítulo da introdução, de cem horas com Chávez. De entrevistas e de comentários das observações de Ramonet sobre a Venezuela.

todo o enredo da doença de Chávez, lembrando os episódios de dúvida sobre suas reais condições de governar desde o anúncio de sua doença em 2010. As outras três revistas partem dessa incerteza para reafirmar a "libertação" do chavismo na Venezuela e na América Latina. *IstoÉ* alinha-se à *CartaCapital*, trazendo o tom da dúvida ao lembrar que Nicolás Maduro, seria o favorito para vencer a nova eleição, questionando, contudo, sua capacidade para realizar as reformas econômicas. As revistas *Época*, *IstoÉ* e *Veja* concordam que seriam remotas as chances de a Venezuela pós-Chávez retornar ao trilho do crescimento e evitar uma ruptura social. Essa seria a realidade na gestão chavista, mas ele encobria o dramático quadro com suas ações de natureza assistencialista. *Veja* é categórica ao afirmar que Chávez atendeu às demandas de curto prazo das massas e, no melhor estilo populista, mandou a conta para as gerações futuras. Nesse sentido, *Época* propõe que o desafio da Venezuela depois de Hugo Chávez será o de se livrar do espectro de um mito e de sua herança de má gestão pública e desprezo pela democracia.

Como no verso de um "santinho" religioso, as páginas interiores das *newmagazines* brasileiras contêm preces que se constroem a partir da personificação de um episódio, a morte de uma grande figura pública, mas também por vários outros tipos de subjetivações que cercam a transversalidade do tipo de obituário que ali se realiza. Se nos versos dos santinhos predominam os textos, não é errôneo afirmar que os textos compostos pelas revistas sobre Chávez, em sua aproximação e, principalmente, diferenciação editorial, lembram, tal qual uma oração (quiçá totalmente às avessas), "o reconhecimento das capacidades do santo, o enaltecimento de suas virtudes e a marcação intensa de assimetria entre quem fará um pedido e quem o atenderá." (MENEZES, 2011, p. 56). No caso dos leitores, diferentes dos devotos, mas considerando o misto entre a sacralidade do dito jornalístico, credível, e aquela que envolve o obituarizado em questão, os textos das revistas, menos que uma oração, aparecem como anúncio

de morte e de vida. Não de um prometido que virá, mas de um outro que se foi e cujo falecimento traz uma anunciação específica e materialmente construída.

Ao se debruçarem sobre o tema, as *newsmagazines* brasileiras “obituarizam” de forma dupla e complexa (para não dizer contraditória ou exagerada) o ex-líder venezuelano: nelas, a morte de um governante fala, pela cobertura política que lhe é guiada, de “todo” um país (seus habitantes, “amigos” e “inimigos”) – que segue vivo. Fazem-no, portanto, menos de maneira “literária”, no sentido de um obituário clássico e mais de maneira editorial, personalizando uma forma de dizer sobre uma tipo de morte (política), sobre uma morte (de Chávez) e jornalisticamente diferente (como revistas). São elas, portanto, as revistas, artefatos de valor numa cadeia de sentidos midiática, encerrando significados a partir de uma temporalidade, de uma materialidade e de um fazer, assim como são, também, artefatos pessoais, disponíveis para consumo e leituras, que, tornem-se ou não *ex-votos* em constante acontecimento, a cada nova morte, estarão sempre, a celebrar o acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, E., Leal, B., & Vaz, P. B. (orgs.) (2011). *Jornalismo e Acontecimento: percursos metodológicos.* Vol. 2. Florianópolis: Insular.

Benetti, M., & Fonseca, V. (orgs.) (2010***).*** *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.* Florianópolis: Insular.

Campos, H. (1986). *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix.

Fausto Neto, A. (2013, julho). Chávez, morte e "desamparo informativo" na cena da circulação midiatizada. In: *Rizoma*. *1* (1), 25 – 45. Santa Cruz do Sul.

Marocco, B., Berger, C., & Henn, R. (orgs.) (2012). *Jornalismo e acontecimento: diante da morte.* Vol. 3. Florianópolis: Insular.

Marocco, B. (2013). Fragmentos de vidas exemplares. *Revista FAMECOS* (Online), *20*, 372-389.

Menezes, R. C. 2011. A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre santinhos. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), *17*, 43-65.

Ramonet, I. (2013). *Hugo Chávez: Mi primera vida – Conversaciones com Ignacio Ramonet.* Debate: Buenos Aires.

Tavares, F. (2011). A revista por ela mesma: visadas e propostas teóricas sobre um modo de ser jornalismo. In: Dornelles, B., & Gerbase, C. (orgs.). *Papel e película queimam depressa***.** Vol. 1 (pp. 220-241). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Vaz, P. B. (2009). Capas de newsmagazines brasileiras: produção e apropriação de sentidos". In: *Anais do VII LUSOCOM*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.